

Mariana de Almeida Ferreira
Universidade Federal de Minas
Gerais
Belo Horizonte, MG, Brasil

HERÓIS DE MÁSCARAS NO SISTEMA DE SAÚDE DO BRASIL: A EXPERIÊNCIA DA PANDEMIA EM *SOB PRESSÃO: PLANTÃO COVID*

MASKED HEROES IN BRAZIL'S HEALTH SYSTEM: THE PANDEMIC EXPERIENCE IN *SOB PRESSÃO: PLANTÃO COVID*

RESUMO

Temos por objetivo analisar como a temporada especial da série *Sob Pressão: Plantão Covid* potencializou uma dimensão local da experiência de um acontecimento global. Para isso, utilizamos a poética comunicacional (ROCHA, 2020) como desenho metodológico que combina a televisualidade com a hermenêutica da narrativa para explorar obras de ficção seriada televisiva. Nos concentramos na protagonista e entendemos que a série, com o foco narrativo na figura da heroína, mescla dramas pessoais e públicos, potencializa a experiência de como é ser um médico atuando em uma pandemia e põe à mostra as especificidades do sistema de saúde brasileiro.

Palavras-chave: pandemia; *Sob Pressão*; poética comunicacional.

ABSTRACT

We aim to analyze how the special season of the series *Sob Pressão: Plantão Covid* potentiated a local dimension of the experience of a global event. For this, we use communicational poetics (ROCHA, 2020) as a methodological design that combines televisuality with the hermeneutics of narrative to explore artworks of serial television fiction. We concentrate on the protagonist and understand that the series, with a narrative focus on the heroine figure, mixes personal and public dramas, enhances the experience of what it is to be a doctor working in a pandemic and exposes the specificities of the brazilian's health system.

Keywords: pandemic; *Sob Pressão*; communicational poetics

Recebido: 09/11/2020 / Aprovado: 18/12/2020

Como citar: FERREIRA, Mariana de Almeida. Heróis de Máscaras no Sistema de Saúde do Brasil: a experiência da pandemia em *Sob Pressão: Plantão COVID*. Revista GEMINIS, v. 11, n. 2, pp. 81-98, mai./ago. 2020.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

INTRODUÇÃO

A pandemia de Covid-19 que impactou o mundo no ano de 2020 trouxe consigo um arsenal de experiências e histórias diversas possíveis de serem abordadas em diferentes meios e perspectivas, com os desafios de produção impostos pelo contexto. No que diz respeito à ficção seriada televisiva, podemos citar o caso brasileiro como exemplo: até o mês de outubro do mesmo ano, o Grupo Globo lançou *Diário de um Confinado*, exclusivo para a plataforma Globoplay, *Amor e Sorte* e a temporada especial da série médica *Sob Pressão: Plantão Covid*, voltados para exibição na TV aberta. É sobre essa última produção, com dois episódios exibidos nas noites de terça-feira na grade de programação da Globo, que nos concentramos neste trabalho.

A série, que tem os personagens Carolina (Marjorie Estiano) e Evandro (Júlio Andrade) como protagonistas, apresentou na temporada especial histórias ambientadas em um Hospital de Campanha construído cenograficamente a fim de reproduzir na ficção os muitos hospitais do tipo levantados às pressas em vários estados brasileiros para atender aos pacientes do novo coronavírus. É ali naquele tempo-espaço da série que os dramas pessoais, os dilemas profissionais e as questões públicas do sistema de saúde brasileiro entrelaçam-se para narrar acontecimentos ficcionais específicos tendo a pandemia como pano de fundo.

Nossa análise propõe compreender como *Sob Pressão: Plantão Covid*, enquanto ficção seriada televisiva de perfil naturalista, aspecto que ao nosso ver compõe também a estratégia de comunicabilidade (ROCHA, 2020) da série, potencializou narrativa e (tele) visualmente uma dimensão local, brasileira, de um acontecimento global; como os recursos específicos do meio e do formato articulam-se para nos fazer experimentar a sensação de como é atuar na linha de frente de uma pandemia no âmbito da saúde pública do país. Para isso, tomamos como metodologia a proposta da poética comunicacional (ROCHA, 2020) que combina a hermenêutica da narrativa com a análise da televisualidade.

Elegendo sequências específicas da quarta temporada da série que acreditamos sintetizar nossa proposta, concluímos que *Sob Pressão: Plantão Covid*, ao utilizar a protagonista Carolina como foco narrativo, explora a figura do herói/da heroína conectada aos imaginários circulantes nos primeiros meses de pandemia e, ao tecer dramas pessoais e dramas públicos como mutuamente implicados no processo, faz entrever as experiências locais vividas diante de um sistema público de saúde sucateado e fragilizado por práticas arcaicas e corruptas do país.

1. FICÇÃO SERIADA, MELODRAMA E CONTEMPORANEIDADE

Refletindo no âmbito da ideia da telenovela como recurso comunicativo (LOPES, 2009) e ampliando para a ficção seriada de televisão aberta, mais especificamente, temos que as séries contemporâneas produzidas no país também buscam abordar pautas que interseccionam vida privada e vida pública, situadas em um tempo e espaço que exploram o cotidiano de um Brasil com múltiplas temporalidades em que práticas arcaicas e modernas convivem simultaneamente (LOPES, 2009; ROCHA, 2020).

Essas experiências cruzadas, ancoradas em contextos histórico-sociais reais e construídas com verossimilhança, são potencializadas pela dinâmica da serialização e pela matriz cultural do melodrama (LOPES, 2009) como estratégia de comunicabilidade que, na esteira de Martín-Barbero (2009), é compreendida como “formas segundo as quais um texto se apresenta enquanto uma proposta de experiência e interação, cuja dinâmica evidencia as mediações em jogo, a partir de um duplo acontecimento: visual e narrativo” (ROCHA, 2020).

O tratamento naturalista característico da ficção seriada brasileira, em um primeiro momento concretizado em telenovelas e cada vez mais sendo adotado nas séries de TV aberta como as da Rede Globo (LOPES; LEMOS, 2020), é explorado a partir dos recursos da narrativa e da televisualidade que, dentre outros aspectos, convocam a identificação de e com personagens e o compartilhamento de sentidos comuns (como paz, justiça, igualdade).

Esse modo de configuração das histórias, com suas especificidades criadas pelo mundo pré-figurado da realidade local, evidenciam as experiências latino-americanas – e particularmente brasileiras, no nosso caso – distintas e simultâneas vividas no ambiente popular-urbano profundamente atravessado pelos meios massivos como mediações socioculturais do continente (MARTÍN-BARBERO; HERLINGHAUSS, 2000).

É essencialmente por meio de produções audiovisuais, nos diz Martín-Barbero (2009; 2000), que a América Latina experimenta a modernidade, reconhece a si e ao outro sem abrir mão de suas matrizes e práticas de oralidade. A essa transformação nos modos de sentir e estabelecer relações com a cidade moderna proporcionada pela indústria cultural, Benjamin (2017) denomina de novo *sensorium*, compreendendo nesses encontros e “choques” sensíveis profundas conexões entre o cultural e o político, o social e o estético que estimulam novas percepções (MARTÍN-BARBERO; HERLINGHAUSS, 2000) e que para nós contribuem para compreender a “des-ordem” e os “des-tempos” que nos atravessam. Assim, é particularmente pela ficção seriada televisiva que os anacronismos histórico-culturais que compõem os imaginários modernos conectam-se com as experiências cotidianas do espectador (ROCHA, 2019).

O melodrama, mediando o tempo da vida com o tempo do relato e sendo espelho de uma consciência coletiva que mescla dramas familiares, éticos e morais sob o pano de fundo histórico da nação (MARTÍN-BARBERO; MUÑOZ, 1992), é intrinsecamente incorporado em nossas narrativas como lugar de excelência para repensar o popular inserido nos conflitos e tensões da modernidade (HERLINGHAUS, 2002) e conectado com imaginários coletivos. Para Brooks (1995):

Ao polarizar as forças éticas (bons e maus/ heróis e vilões) que operam simbolicamente no mundo, o melodrama reivindica a necessidade de reconhecer e confrontar o mal, combatê-lo para reestabelecer a ordem social, em que os sujeitos atuantes devem reconhecer a si e aos outros, revelados e expostos sob o fundo ético simbólico maniqueísta e dramático (ALMEIDA, 2020).

Compreendendo o melodrama contemporâneo como pulso narrativo utilizado em diversos tipos de produção, e especialmente em séries de ficção, Capello (2020) afirma que estamos diante de uma “normalização de seus recursos e técnicas narrativas que facilitaríamos a empatia e o compromisso emocional com a audiência” (2020, p. 05, tradução nossa) para além do gênero ou formato escolhido para contar as histórias. De acordo com o autor, o melodrama desborda-se hoje para todos os âmbitos possíveis - e não apenas em ambientes domésticos, privados e familiares - em que as ficções seriadas utilizam o *corpus* social como extensão da família, a exemplo dos locais de trabalho (como hospitais, delegacias, escolas), figurada nas relações estabelecidas nesse universo. “Assim, o mundo contemporâneo e seus distintos âmbitos fazem-se metáfora para simbolizar o social” (CAPELLO, 2020, p. 10).

Nesse sentido, e considerando o perfil naturalista de produções contemporâneas brasileiras, o arquétipo do herói - presente na construção do melodrama assim como o vilão, a vítima e o bobo - pode assumir outros contornos conectados aos imaginários sociais e inseridos nos formatos de ficção seriada que atravessam fronteiras e são cada vez mais incorporados ao meio televisivo local; em que as figuras do vilão/antagonista podem ser expandidas para um âmbito coletivo, como instituições da sociedade, e não apenas concretizadas em indivíduos.

2. SOB PRESSÃO E O DRAMA SANITÁRIO DA PANDEMIA

Podendo ser considerada como um drama de intervenção, caracterizado por conflitos médicos vividos no cotidiano dos setores de emergência enquanto um ambiente “caótico e movimentado devido à constante entrada de pacientes necessitando de atenção médica” (ALBUQUERQUE; MEIMARIDIS, 2016), *Sob Pressão: Plantão Covid* (2020) é fruto do significativo sucesso dos chamados *workplace dramas*, que inclui as séries médicas entre as

produções do gênero. A exemplo das estadunidenses *ER* e *Chicago Med*, a série brasileira dá ênfase às relações entre médicos e pacientes e apresenta, devido às especificidades do universo escolhido, ritmo mais acelerado e maior tensão narrativa.

Criada a partir de uma demanda da Rede Globo em realizar série desse gênero, inspirada em outras como *Grey's Anatomy* (2005-atual) e *Dr. House* (2004-2012), *Sob Pressão* é uma co-produção com a Conspiração Filmes e derivada de filme homônimo de Andrucha Waddington, que faz a direção geral e artística da série criada por Renato Fagundes e Jorge Furtado. Seguindo a tendência de adaptação ao mercado audiovisual contemporâneo, a série é um dos primeiros resultados provenientes da Casa dos Roteiristas¹, inaugurada pela Rede Globo em 2017, no Rio de Janeiro, para o desenvolvimento de produções seriadas voltadas ao canal aberto e ao Globoplay e que conta, atualmente, com doze núcleos criativos coordenados por roteiristas veteranos da emissora.

Com médicos exercendo os papéis de protagonistas, o universo da trama de *Sob Pressão* é o Sistema Único de Saúde (SUS) do Brasil e aborda questões nacionais, como a precariedade do serviço público de saúde, em tom dramático e tenso (LOPES; LEMOS, 2020) atravessadas por dramas pessoais envolvendo família e relacionamentos amorosos, por exemplo, além de situações de enfrentamento de vida e morte. “Tais características indicam a consolidação do formato série na abordagem de pautas densas e complexas, como ocorre nas telenovelas brasileiras de caráter naturalista, especialmente as das 21h” (LOPES; LEMOS, 2020).

A quarta temporada da série, com subtítulo *Plantão Covid*, apresentou dois episódios especiais veiculados no mês de outubro nas noites de terça-feira. É a terceira produção da empresa que traz o tema da pandemia como referência para contar suas histórias² durante um período em que as circunstâncias sanitárias atípicas forçaram a interrupção das gravações das telenovelas - produções que demandam equipes maiores, trabalho presencial e mais tempo de produção, o que se tornou temporariamente inviável no atual contexto.

Tendo o SUS como mundo comum da série, para a temporada especial de pandemia a ambientação escolhida foi um Hospital de Campanha no Rio de Janeiro, em referência aos que foram construídos em todo o Brasil e que, apesar de salvarem muitas vidas, também tornaram-se um

¹ Outras séries da emissora, como *Carcereiros* (2017) e *Segunda Chamada* (2019), também são resultados desse novo local de produção. Disponível em: <https://gshow.globo.com/Bastidores/noticia/globo-abre-casa-dos-roteristas-e-investe-na-producao-de-novos-conteudos.ghtml>. Acesso em 13 de out. 2020.

² *Diário de Confinado* é uma série episódica escrita e dirigida por Bruno Mazzeo, com duas temporadas lançadas no catálogo Globoplay. Já *Amor e Sorte* é uma série antológica com quatro episódios estrelados por diferentes atores e exibida em TV aberta. Ambas foram gravadas dentro das próprias residências dos artistas, filmadas pelos próprios atores, com direção e produção feita de forma remota.

problema em um país de práticas arcaicas e corruptas como o nosso, a exemplo da investigação comandada pela Polícia Federal sobre desvio de verbas para hospital de campanha em Aracaju³.

Gravados durante o mês o agosto de 2020 e buscando seguir rigidamente os protocolos de segurança⁴ para não colocar em risco a equipe da série, os episódios especiais de *Sob Pressão* têm como marco temporal os meses de abril e maio, considerados como os mais críticos da pandemia no Brasil. Com o foco narrativo nos médicos da linha de frente, a série traz para o centro os dramas pessoais e profissionais (sofrimentos, dilemas, escolhas) que se cruzam com o drama público da pandemia e deixam à mostra os muitos problemas enfrentados em um sistema de saúde sucateado ao lidar com uma doença tão grave quanto desconhecida. Principalmente por meio do heroísmo, cansaço e persistência da protagonista Carolina (Marjorie Estiano), que mesmo diante de situações profissionais e pessoais tão adversas segue dedicada ao auxílio e tratamento de seus pacientes, experimentamos a sensação de como é trabalhar em meio ao caos para salvar as vidas deixadas ali a todo instante sem nenhuma garantia de sobrevivência, sem infraestrutura suficiente e sem nem mesmo entender o que está ocorrendo, que vírus é esse em que “cada um reage de um jeito diferente”.

No primeiro episódio, Carolina e o marido Evandro são apresentados ao público utilizando os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) para resgatar um idoso que está trancado e sozinho em casa padecendo com sintomas de Covid-19. Por ser pertencente ao grupo de risco, os médicos insistem em encaminhá-lo com urgência ao hospital mesmo contra sua vontade, em uma atmosfera fúnebre, tensa e agonizante. Assim, somos inseridos nesse mundo distópico e perigoso habitado pelo vírus. A aparente estabilidade e segurança dos dois médicos é quebrada quando uma paciente jovem, sem nenhuma comorbidade e, portanto, sem perfil de grupo de risco, entra em estado grave e instaura dilemas aos profissionais, colocando-os diante de escolhas difíceis, mas necessárias para salvar os pacientes. Com esse incidente, Carolina percebe-se perdida e no escuro ao lidar com a doença, toma consciência de que a situação é muito mais grave do que imaginava.

Por meio da televisualidade e da hermenêutica da narrativa buscaremos analisar como o papel exercido por Carolina em uma ficção seriada pode configurar dimensões da experiência local de um acontecimento global em que profissionais da saúde foram alçados ao posto de herói⁵, em que

³ Disponível em: < <https://www.poder360.com.br/justica/pf-faz-operacao-contradesvio-de-verba-no-hospital-de-campanha-de-aracaju/>>. Acesso em 20 de out. 2020.

⁴ Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/cultura/sob-pressao-volta-hoje-em-hospital-de-campanha-cenografico-contracovid-24669326>>. Acesso em 20 de out. 2020.

⁵ Ilustrador transforma médicos em heróis na Inglaterra. Disponível em: < <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/2020/05/07/ilustrador-transforma-medicos-em-herois-na-inglaterra>>. Acesso em 01 de nov. 2020.

diversas narrativas sobre a atuação de médicos e enfermeiros no combate ao novo coronavírus assumiram significativa centralidade e abriram possibilidades de sentidos na sociedade.

3. POÉTICA COMUNICACIONAL

Para dar conta de observar e analisar o objeto escolhido para este trabalho, adotamos a poética comunicacional (ROCHA, 2020), originalmente concebida para a análise de obras seriadas de televisão distribuída por internet, como desenho metodológico possível de apreender nosso fenômeno por contemplar conceitos e etapas aplicáveis também às produções de televisão linear como estratégias de interação/comunicabilidade, em que os acontecimentos visual e narrativo operam para potencializar a experiência do espectador no encontro com essas obras, evidenciando as mediações em jogo.

O desenho é composto por quatro etapas: análise do meio + hermenêutica da narrativa + análise da televisualidade + indicadores da experiência cultural a partir da ficção. No entanto, antes de nos concentrarmos especificamente em *Sob Pressão: Plantão Covid* é necessário expor, ainda que brevemente, os conceitos e aspectos referente aos dois processos centrais da poética: a hermenêutica da narrativa e a análise da televisualidade.

3.1. Hermenêutica da narrativa

Para Ricoeur (2010) a narrativa atua para sintetizar e dar sentido à experiência do tempo ao configurar uma história que tece acontecimentos e percursos interligando o mundo referencial com a experiência prática do leitor/espectador, fazendo surgir daí o inteligível do acidental, o universal do singular, o verossímil do episódico (ALMEIDA, 2020).

Em suas construções, que unem o mundo do texto ao mundo do leitor, as narrativas refiguram o tempo, possibilitam o reconhecimento e ressignificam sentidos. Na esteira das reflexões de Paul Ricoeur e Walter Benjamin, Martín-Barbero (2009), ao voltar-se para a cultura popular-massiva latino-americana, toma o relato da nossa sociedade oralizada como algo central que constrói a humanidade, torna-se lugar de interação que concretiza a experiência cultural e estética do receptor, sendo o folhetim em fusão com o melodrama um particular modo desse relato na ficção televisiva que abre espaço à imaginação, opera com construções simbólicas, faz experimentar temporalidades arcaicas e modernas simultaneamente.

Por meio da hermenêutica da narrativa, ou hermenêutica não convencional (ROCHA, 2020), é possível investigar aspectos que incidem no modo de construção dos textos e, conseqüentemente, na experiência de interação com eles, como a composição da intriga, o enredo, as ações que

impulsionam o desenvolvimento da história, como ela é contada, as operações simbólicas dos personagens (e as identificações/reconhecimentos *de* e *com* eles que daí emergem), o uso do tempo e as funções que ocupam nas narrativas. Para a nossa proposta, as questões mais centrais aos personagens mostram-se particularmente relevantes ao desenvolvimento da análise.

3.2. Televisualidade

Ao compreender a televisão como prática social material, seguindo os escritos de Raymond Williams, em que a tecnologia e a materialidade que a constitui não podem ser desvinculadas dos hábitos, dos espaços sociais, das instituições e dos mercados, Mitchell (2005) nos diz que as formas do texto televisivo compõem os modos de tornar visíveis questões da cultura. Discutir e analisar o meio televisivo e os gêneros que são nele constituídos apenas a partir de aspectos tecnológicos, reduzindo-o à sua materialidade, não dá conta de envolver as “linguagens, ações, dinâmicas sociais, políticas e culturais” (ROCHA; SILVEIRA, 2012, p. 03) que conformam historicamente o meio e suas especificidades.

Entendemos como visualidade a dimensão cultural, histórica e contextual que fundam os atos de ver. Portanto, pensar o contexto histórico e local no qual estamos inseridos como parte de um universo cultural torna-se indispensável para qualquer análise que almeje aprofundar-se na compreensão de experiências visuais (SÉRVIO, 2014). Em outras palavras, visualidade refere-se ao entendimento das manifestações históricas distintas de toda experiência visual e corresponde ao registro no qual a imagem e o significado visual operam (KNAUSS, 2006).

Para a nossa perspectiva de pesquisa é pertinente, portanto, incluir a visualidade que produz atos de ver e de mostrar que se conectam e emaranham distintos operadores junto a diferentes interesses, em práticas culturais diárias que constroem visualmente o social e incluem não só as imagens em seu contexto de aparição material (*picture*), no ver e no mostrar, mas também o que escodemos, dissimulamos e nos recusamos a ver (MITCHELL, 2003) a partir das nossas próprias experiências relacionadas a questões socioculturais.

Nesse contexto, a análise dessas *pictures* e o estudo das interações do composto imagem/texto que as constitui nos parece ser o ponto de partida fundamental para a compreensão da experiência visual que, ao juntar-se à narrativa dessas produções de ficção seriada televisiva, abre brechas sensíveis para o entendimento da cultura e dos significados dados a ver nessa experiência de duplo acontecimento (visual e narrativo) no encontro entre observador e observado, e possibilita o reconhecimento (e o estranhamento) a partir da visualidade, constituindo o “eu” e o “outro” nesse processo de *mirada* ao que nos interpela ao *mirar* de volta.

Para dar conta dessa experiência visual proporcionada pela televisão, propõe-se o conceito de televisualidade enquanto experiência visual atravessada por especificidades desse meio a partir das determinações culturais. “Falar em televisualidade implica convocar uma rede complexa que envolve os instrumentais técnicos de produção e reprodução, as instituições sociais, a cultura televisiva, as formas de figuração do mundo e a presença do observador/espectador” (ROCHA, 2019, p. 06).

A análise da televisualidade é ancorada no estilo televisivo, compreendido como qualquer padrão técnico de imagem e som que exerce uma função dentro do texto, sendo a estrutura superficial pela qual os significados são comunicados (BUTLER, 2010) e que, portanto, possibilita a abertura desse texto formal específico do meio para os aspectos da visualidade que incidem sobre ele e oferecem brechas para a construção e compreensão da nossa própria experiência.

4. “VOCÊ ACHA QUE ELES SE IMPORTAM, CAROLINA?”: O BRASIL NA PANDEMIA

Enquanto obra seriada para a televisão aberta, *Sob Pressão* apresenta a nação como pano de fundo, em que a realidade social e histórica do país incide nos dramas pessoais, nas fidelidades primordiais que, por sua vez, se articulam aos dramas profissionais, com suas especificidades éticas e morais. Ainda que disponibilizada na íntegra na plataforma de *streaming* Globoplay, a série compõe originalmente a lógica linear da grade de programação, com cerca de 45 minutos de duração por episódio dividido em três blocos, sendo o primeiro com cerca de 30 minutos. Portanto, com dois intervalos comerciais inseridos nos últimos 15 minutos de episódio, em média, aumentando o tempo de duração contínua da história em tela.

Sob Pressão faz parte das apostas da emissora em realizar produções aos moldes das narrativas estadunidenses, investindo na complexidade narrativa em seu nível mais básico (MITTEL, 2015), com arcos episódicos de diferentes histórias e personagens misturados ao arco serializado dos protagonistas, sem abrir mão dos aspectos do melodrama latino-americano e, portanto, dialogando em alguma medida com o atual contexto local-global das ficções seriadas, com marcas de matrizes reconhecíveis na textualidade da série.

Para explorar o que identificamos como experiência local de um acontecimento global, tomaremos como exemplo um evento narrativo do primeiro episódio de *Sob Pressão: Plantão Covid*, quando uma paciente jovem (mencionada em tópico anterior) tem uma parada cardiorrespiratória. A cena inicia aos 17’52” quando o doutor Mauro passa correndo por trás de Carolina e Evandro avisando que Daiane está “parada”. Os médicos correm para acudi-la. Sem cortes, acompanhamos por quase seis minutos a tensão e a corrida contra o tempo para salvar a vida da paciente. Não há economia de

tempo nem de detalhes para mostrar o trabalho dos profissionais: a massagem cardíaca, a aplicação de adrenalina, o desespero e indignação de Carolina ao não compreender como uma pessoa tão nova chegou a esse ponto de gravidade da doença.

A vida da paciente depende de um aparelho respirador. Momentos antes da parada cardíaca, é mencionado que os respiradores disponíveis já estavam todos ocupados, mas que novos encomendados pelo governo haviam acabado de chegar ao Hospital de Campanha. Ainda sem cortes, seguimos Carolina correndo até o estacionamento para conferir e providenciar imediatamente o respirador novo para sua paciente em estado grave. Mas ao abrir as caixas trazidas pelo caminhão, a médica e seu chefe imediato, Décio (Bruno Garcia), constatam que os aparelhos vieram errados: nenhum respirador, todos de anestesia. Revoltada, Carolina volta correndo para o Centro de Tratamento Intensivo (CTI) para dar a notícia aos colegas.

Carolina: Não tem respirador

Gustavo: Como assim não tem? Como assim?!

Carolina: Não tem respirador! São todos carrinhos de anestesia!

Gustavo: Tá de sacanagem! Essa paciente precisa de um respirador agora!

Carolina: É Brasil... Brasil!

Diante da situação, os profissionais encontram-se em um impasse. Um deles sugere retirar o respirador de um paciente mais velho para salvar a vida da paciente mais nova, mas Carolina coloca-se firmemente contra (“*isso tá fora de cogitação, idade não é critério!*”). No meio do dilema e discussão, Evandro encontra a solução e realiza uma gambiarra para disponibilizar um único respirador aos pacientes e, assim, garantir um tempo a mais de vida aos dois até a chegada dos novos respiradores, “*é o que dá pra fazer*”. Nessa empreitada é que Evandro se arrisca e, mais tarde, descobrimos que ele também foi infectado, chegando a ser internado, intubado e operado enquanto Carolina segue trabalhando na linha de frente.

É só depois da finalização da gambiarra, aos 23’31” de episódio, que a sequência finaliza. Até então, não há pausa para o descanso, o ritmo é acelerado, a tensão em intensidade crescente. A narrativa transporta-nos para a agonia dos médicos, todos paramentados da cabeça aos pés com os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), experimentamos o medo de perder a paciente e a frustração de não ter os meios necessários para ajudá-la devidamente. Na cena seguinte, após o salvamento, os médicos estão reunidos em uma sala recuperando-se do susto e tentando resolver o problema dos respiradores. Décio desliga o telefone e volta-se aos colegas.

Décio: A Secretária tá em reunião.

Carolina: Duvido! Não quis falar...

Décio: Eles vão botar a culpa nos fornecedores

Evandro: É. E os fornecedores vão botar a culpa no fabricante, que vai botar a culpa em outra pessoa e vai sobrar pro motorista que trouxe.

Mauro: Décio, se o Governo pagou por uma coisa e a gente recebeu outra que custa três vezes menos... Cê sabe que alguém tá levando dinheiro nessa história, não sabe?

Décio: Você quer que eu faça o quê? Largue o hospital lotado, corra atrás de quem foi?

Carolina: Tem que ser muito mau caráter pra desviar dinheiro da saúde, ainda mais no meio de uma pandemia! Tem gente morrendo por causa disso!

Evandro: Você acha que eles se importam, Carolina?

E à pergunta feita à Carolina cabe ao espectador responder. Nos desafios e conflitos enfrentados pelos médicos em *Sob Pressão*, somos frequentemente confrontados com a luta que empreendem contra a precariedade e o sucateamento, em vários momentos buscando alternativas pouco convencionais que garantam a vida dos pacientes e driblando as graves falhas do sistema de saúde brasileiro. Se há alguém que se importa com as pessoas ali doentes, a narrativa deixa evidente que não é o governo. E deixa ainda à mostra que, apesar dos avanços modernizadores - como um sistema público e gratuito de saúde, equipamentos de alta tecnologia, hospitais construídos rapidamente – ainda vigoram práticas arcaicas, criminosas, corruptas, a negligência e o descaso com o bem estar e a vida do outro, demandando muitas vezes um esforço ainda maior para combater esse grande vilão concretizado na instituição governamental.

Essa realidade de experiências temporais distintas, simultâneas e conflitantes da América Latina (MARTÍN-BARBERO, HERLINGHAUSS, 2000; ROCHA, 2020; ALMEIDA, 2019) e, especialmente, do Brasil, é ainda mais explorada e potencializada pelo perfil naturalista da série e pela construção da tensão dramática que o gênero permite e a narrativa intensifica pelo encadeamento das ações, pelo uso do tempo presente e contínuo e pelos papéis de heróis combatentes contra forças externas que os personagens assumem nas figuras de médicos diante de um sistema fragilizado pela incompetência, egoísmo e desonestidade.

Depois que Evandro é internado, a exemplo de tantos profissionais da saúde que adoeceram atuando nos hospitais no combate à Covid-19, Carolina, que já estava exausta e apavorada com as consequências dessa doença, com o desconhecimento das causas e do tratamento mais adequado e com o descaso do poder público, precisa agora cuidar dos pacientes em estado grave e do marido enquanto este está doente, correndo o risco iminente de não se recuperar. Desse ponto em diante, a médica assume ainda mais destaque na trama e sua função de heroína torna-se ainda mais evidente.

5. POR TRÁS DAS MÁSCARAS ATÉ OS HERÓIS ESTÃO EXAUSTOS

Passados tantos meses desde o início da pandemia no Brasil, com todas as situações tão reais quanto absurdas e dramáticas que vivemos, Carolina em certa medida nos põe de volta ao centro desse contexto, aos limites impostos a esses profissionais da saúde, aos dramas, tensões e exaustivas jornadas de trabalho. E tanto a narrativa quanto a televisualidade, articulados para tornar possível ver e reconhecer mundos pré-figurados que serão refigurados pelo espectador, colaboram decisivamente para nos fazer experimentar a dor, o medo e o cansaço da protagonista e de toda a circunstância. Por exemplo, no segundo episódio, após a paciente jovem que tentaram salvar no primeiro episódio morrer repentinamente com nova parada cardiorrespiratória em leito ao lado de Evandro, Carolina perde o controle, é consumida pela raiva contra a doença e contra os que subestimam a gravidade da pandemia (como o próprio irmão da vítima) e joga com força, aos gritos, um instrumento médico no chão do CTI, em frente aos colegas e pacientes, assustando a todos. Carolina está no limite, mas segue trabalhando.

Para explorar esse perfil heroico e resiliente da médica que é dado a ver em *Plantão Covid*, construiremos um paralelo entre dois momentos do primeiro episódio sobre uma situação específica da trama: as fotos que os médicos do Hospital de Campanha precisam tirar para os novos crachás. Por volta dos 9'30", Carolina e Evandro estão em uma sala do hospital com um tripé montado segurando um holofote e um celular. Uma funcionária está batendo foto de Evandro (Figuras 1 e 2).

Figuras 1 e 2 – Episódio 01 de *Sob Pressão: Plantão Covid*



Início do episódio. Fonte: Globoplay.



Início do episódio. Fonte: Globoplay.

O clima é de descontração. Os dois protagonistas e a funcionária estão bem humorados, sorridentes, trocando brincadeiras e palavras de carinho enquanto posam para as fotos. A cena mostra o casal o tempo todo em plano conjunto. São parceiros, apaixonados e unidos, estão juntos na missão e podem contar um com o outro para enfrentar os desafios e tornar o ambiente de trabalho mais leve e agradável. Nessa fase da história, a aparência de Carolina ainda é arrumada, saudável, disposta. Os

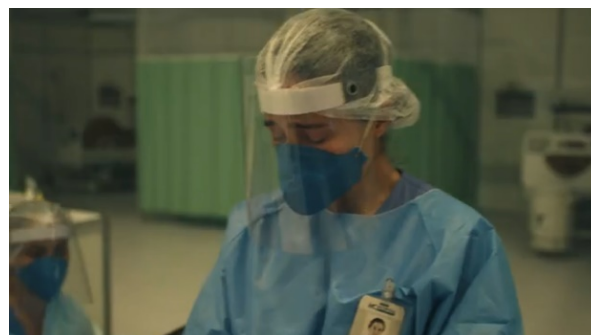
acontecimentos mais graves, como a jovem com parada cardiorrespiratória, ainda não ocorreram, a personagem ainda não sofreu grandes impactos com a realidade que está lidando. O clima harmônico na sala é quebrado quando uma enfermeira surge chamando Carolina para uma emergência. A médica não consegue fazer a foto do crachá, corre para cumprir seu dever.

Depois que tantos acontecimentos tensos e dramáticos ocorrem, como o descrito em tópico anterior, outro clima passa a compor a história. Pulemos agora para o momento final do episódio, depois de Evandro ser intubado com respirador no CTI do hospital, em um processo acompanhado com tristeza e preocupação por Carolina. Antes de adormecer com a anestesia, Evandro faz a esposa prometer - “*por nós dois, pelo nosso amor*” – que ela iria continuar na luta contra o vírus, salvando os pacientes, mesmo se o marido falecesse. Emocionada, Carolina retira-se da cabine onde Evandro está sendo intubado.

Figuras 3, 4, 5 e 6 – Episódio 01 de *Sob Pressão: Plantão Covid*



Final do episódio. **Fonte:** *Globoplay*.



Final do episódio. **Fonte:** *Globoplay*.



Final do episódio. **Fonte:** *Globoplay*.



Final do episódio. **Fonte:** *Globoplay*.

Em plano médio e com a câmera na mão, acompanhamos Carolina caminhando pela ala do hospital (Figuras 3, 4 e 5). Ao fundo apenas o som diegético do ambiente, sendo possível ouvir e sentir o esforço da médica para segurar o choro por trás dos EPIs. Nesse composto imagem/texto, como abertura às representações e modo possível de alcançar as determinações culturais e históricas

da experiência visual (MITCHELL, 2009; ROCHA, 2019), compartilhamos o sufoco e a agonia de Carolina em querer chorar, desabar, mas ser impedida pelo trabalho que exerce e é representado nas roupas e acessórios que veste. Não há como enxugar as lágrimas, não há como respirar melhor, não há como retirar máscara, *face shield* e luvas para aliviar-se. O silêncio do ambiente não pode ser quebrado e a médica responsável por tantos pacientes em estado grave não pode demonstrar fraqueza, dor e desespero. Nesse momento da trama, os vínculos entre os dramas pessoais, profissionais e públicos tornam-se ainda mais estreitos e mutuamente implicados.

A caminhada de Carolina é interrompida pela mesma funcionária do início do episódio que novamente aborda a médica para fazer a foto do novo crachá, pois é a última que falta (Figura 6). Carolina já não é mais a mesma. Olha cabisbaixa para a colega que já se adianta pedindo desculpas pelo incômodo. Em seguida, as duas estão na mesma sala, tripé, luz e celular montados.

Figuras 7 e 8 – Episódio 01 de *Sob Pressão: Plantão Covid*



Final do episódio. **Fonte:** Globoplay.



Final do episódio. **Fonte:** Globoplay.

Em pé em frente à câmera, em plano americano, o cansaço e desânimo da profissional é explícito e oposto ao que vemos antes (figuras 1 e 2). Carolina agora está sozinha, desamparada, sem o seu marido e parceiro de trabalho. Está por conta própria lidando contra o vírus, o descaso e a precariedade, tentando esconder e superar o drama pessoal para continuar exercendo a profissão. Em *zoom in* a câmera aproxima-se de Carolina enquanto ela retira a máscara para fazer a foto. Mais e mais de perto vemos os machucados dos equipamentos fortemente marcados no rosto da personagem, o cabelo bagunçado, as olheiras profundas. Uma trilha musical lenta e dramática acompanha o ritmo da câmera. Em *close up* frontal, segurando o choro, Carolina olha diretamente para a câmera esforçando-se para sorrir e simular uma aparência simpática e alegre. Carolina está no limite, em sofrimento, mas segue trabalhando e aguentando firme.

Ao mirar o centro da câmera nesse composto imagem/texto, com um sorriso que destoa da trilha sonora, Carolina deixa escapar pelas brechas o drama intenso que é lidar com algo desse tipo,

os sacrifícios pessoais feitos para dar conta do serviço, o peso das perdas de pacientes vividas ao longo do processo (muitos de maneira repentina), o desespero que há com essa situação. A visualidade dada a ver nos interpela a tomar posição, a experimentar o lado de quem atua diretamente no combate à doença, a nos identificar com o drama da personagem, a nos compadecer e refletir sobre o nosso próprio papel na história.

Nesses poucos segundos de cena com Carolina há uma potencial humanização, por meio da individualização, do que é trabalhar em uma pandemia em condições precárias em um país onde as milhares de mortes em tão pouco tempo por uma única causa foram naturalizadas, inclusive (e principalmente) em discursos de quem ocupa os principais cargos de poder. Mas ainda assim, resilientes e comprometidos com o dever de salvar vidas, os médicos seguem na luta como heróis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além da agilidade e da mobilização de recursos para produzir dois episódios especiais sobre algo que ainda estamos vivendo e sendo impactados, outro ponto que nos chama a atenção na série *Sob Pressão* é certa impressão de marcas locais reconhecíveis em uma produção que se baseia em formato e gênero popularizados em mercados estrangeiros. Ao utilizar aspectos do melodrama latino-americano e de uma construção naturalista há muito praticada em telenovelas brasileiras que discutem pautas mais densas e complexas, a série amplia a potencialidade de uma experiência local da pandemia.

Os acontecimentos encadeados na narrativa exploram os imaginários circulantes criados a partir dos fatos e sentidos que passaram a compor nossa realidade, a exemplo das muitas histórias e imagens de profissionais da saúde com rostos machucados pelos EPIs pelas longas e exaustivas jornadas de trabalho, que viralizaram nas redes sociais e foram mostrados em reportagens por todo o país⁶.

Em sua configuração e articulação narrativa e televisual, com o sistema público de saúde como pano de fundo, *Sob Pressão: Plantão Covid* nos chama novamente para discutir as mortes negligenciadas e naturalizadas nos últimos meses, o papel do poder público e da sociedade para evitar o caos e salvar vidas, o trabalho dos profissionais que seguem atuando nos hospitais de campanha, os

⁶ “Famosos mostram médicos com rostos marcados por máscaras apertadas: ‘Heróis’”. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2020/03/famosos-mostram-medicos-com-rostos-marcados-por-mascaras-apertadas-herois.shtml>>. Acesso em 23 de out. 2020.

desafios e manobras que se impõem diante de práticas criminosas de quem exerce o poder e que obrigam a fazer escolhas de vida ou morte.

Ao explorar a figura dos médicos protagonistas como heróis ética e moralmente inquestionáveis – ainda que isso vá ao encontro com muitos aspectos da classe e esconda outras camadas de problemas – trabalhando com dedicação, empenho e resiliência para atender aos diversos pacientes que dependem da saúde pública, e expondo as fragilidades e precariedades do sistema e as dimensões humanas presentes nesse universo, a série potencialmente convoca o espectador à valorização desses profissionais e à compreensão do papel central que o SUS exerce no atendimento e cuidado aos mais vulneráveis em um país de profundas desigualdades sociais.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A.; MEIMARIDIS, M. Dissecando fórmulas narrativas: drama profissional e melodrama nas séries médicas. **Revista Fronteiras**, n. 18, v. 2, 2016, p. 158-169.

ALMEIDA, Mariana. Experiências modernas de tempo na ficção seriada televisiva latino-americana: apontamentos iniciais a partir da minissérie Dois Irmãos. **Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Intercom, Belém, 2019.

ALMEIDA, Mariana. Reconhecimento e experiência narrativa em ficção seriada televisiva: pistas de análise a partir do Projeto Quadrante. **Anais do XXIX Encontro Anual da Compós**. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2020.

BENJAMIN, Walter. **Estética e sociologia da arte**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2017.

BROOKS, Peter. **The melodramatic imagination**. New Haven: Yale University Press, 1995.

BUTLER, J. **Television Style**. New York: Routledge, 2010.

CAPELLO, Giancarlo. El melodrama como pulso esencial. Una mirada desde la narrativa serial. **Comunicación y Sociedad**, e7491, 2020.

HERLINGHAUS, Hermann. La imaginación melodramática: rasgos intermediales y heterógenos de uma categoría precaria. In: HERLINGHAUS, H. (Editor). **Narraciones anacrónicas de la Modernidad: melodrama e intermedialidad em América Latina**. Santiago: Ed. Cuarto Próprio, 2002.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. **ArtCultura**, v. 8, n. 12. Uberlândia, 2006, p. 97-115.

LOPES, Maria Immacolata V. Telenovela como recurso comunicativo. **Matrizes**, ano 3, n. 1. São Paulo, 2009, p. 21-47.

LOPES, M. I. V.; LEMOS, M. P. Brasil: tempo de *streaming* brasileiro. In: LOPES, M. I. V.; GÓMEZ, G. O. (Orgs). **O melodrama em tempos de *streaming***. Porto Alegre: Sulina, 2020.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Ed. UFRJ, 6ª ed. Rio de Janeiro, 2009, p. 163-170, 305-309.

MARTÍN-BARBERO, J.; MUÑOZ, S. **Televisión y melodrama**. Bogotá: Tercer Mundo Editores, 1992.

MARTÍN-BARBERO, J.; HERLINGHAUS, H. (Eds). **Contemporaneidad Latinoamericana y Análisis Cultural**. Conversaciones al Encuentro de Walter Benjamin. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt: Vervuert, 2000.

MITCHELL, W.J.T. Teoría de la imagen: ensayos sobre representación verbal y visual. Madrid: Ediciones Akal, S.A., 2009.

MITCHELL, W.J.T. No existen medios audiovisuales. In Brea, J. L. (Ed.). **Estudios Visuales**: La epistemología de la visualidad en la era de la globalización. Madrid: Akal Estudios Visuales, 2005.

MITCHELL, W.J.T. **Mostrando el ver**: una crítica de la cultura visual. Estudios visuales, 2003.

MITTELL, Jason. **Complex TV**: the poetics of contemporary television storytelling. New York/London: NYU, 2015.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa 3**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

ROCHA, S. M. Aruanas e a poética televisual na era do *streaming*. **Anais do XXIX Encontro Anual da Compós**, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2020.

ROCHA, S. M. A experiência televisiva entre a magia do ver e mágica da imagem: uma análise do tema da violência contra a mulher em *O outro lado do paraíso*. **Anais do XXVIII Encontro Anual da Compós**. Pontifícia Universidade Católica. Porto Alegre, 2019.

ROCHA, S. M.; SILVEIRA, L. L. Gênero televisivo como mediação: possibilidades metodológicas para análise cultural da televisão. **Revista E-Compós**, v. 15, n. 1. Brasília, 2012.

SÉRVIO, Pablo P. P. O que estudam os estudos da cultura visual? **Revista Digital do LAV**, vol. 7, n. 02. Santa Maria, 2014, p. 196-215.

Informações sobre o Artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese: Não se aplica.

Fontes de financiamento: Este trabalho conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

Apresentação anterior: Não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: Não se aplica.

Mariana de Almeida Ferreira

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG). Integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura em Televisualidades (COMCULT/UFMG).

E-mail: marianalmeida13@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3957-6341>